



HERBERT WEST: REANIMATOR

PARTE 1

DA ESCURIDÃO

De Herbert West, que foi meu amigo na faculdade e para o resto da vida, só posso falar com extremo horror. Esse horror não se deve totalmente ao seu recente desaparecimento, mas brota da natureza geral da obra de sua vida, e tomou uma forma mais profunda há pouco mais de dezessete anos, quando cursávamos o terceiro ano na Escola de Medicina da Universidade Miskatonic, em Arkham. Enquanto éramos colegas, o fascínio e o diabolismo de suas experiências me deslumbravam completamente, e fui seu companheiro mais próximo. Agora que ele se foi e o encanto se quebrou, o medo real é maior. Lembranças e possibilidades são mais hediondas que realidades.

O primeiro incidente horrível de que tomamos conhecimento foi o maior choque de minha vida, e é com muita relutância que o repito aqui. Conforme mencionei, aconteceu quando éramos estudantes de Medicina e West já se tornara notório por suas teorias insanas sobre a natureza da morte e a possibilidade de vencê-la artificialmente. Suas visões, grandemente ridicularizadas tanto pelo corpo docente quanto pelos outros estudantes, se baseavam na natureza essencialmente mecanicista da vida e diziam respeito a meios de operar o maquinário orgânico da humanidade por meio de ação química calculada após a falência dos processos naturais. Em seus experimentos com várias soluções animadas, ele tinha matado e tratado quantidades imensas de coelhos, porquinhos-da-índia, gatos, cães e macacos, até se tornar o aborrecimento número um da faculdade. Diversas foram as vezes em que ele obteve, de fato, sinais de vida em animais supostamente mortos; em muitos casos, sinais até violentos, mas logo via que a perfeição daquele processo, se fosse possível, envolveria necessariamente uma vida inteira de pesquisa. Também ficou claro que, como a mesma solução nunca funcionava de maneira igual em espécies orgânicas distintas, ele precisaria de pacientes humanos para um progresso mais sustentado e especializado. E foi então que entrou em conflito com as autoridades da faculdade, que na pessoa do próprio diretor da escola de Medicina, o sábio e benevolente doutor Allan Halsey, cujo trabalho em prol dos desvalidos é lembrado por todo antigo residente de Arkham, o proibiu de prosseguir com as experiências.

Sempre fui excepcionalmente tolerante com os estudos de West, e costumávamos discutir suas teorias, cujas ramificações e repercussões eram quase infinitas. Afirmando com base em Haeckel que toda vida é um processo químico e físico, e que a assim chamada “alma” é um mito, meu amigo acreditava que a reanimação artificial dos mortos

depende apenas da condição dos tecidos; e que, a menos que a decomposição tenha realmente se iniciado, um cadáver plenamente munido de órgãos pode, por meio de medidas adequadas, ser recolocado em funcionamento na senda conhecida como vida. West compreendia, claro, que a vida psíquica ou intelectual poderia ser danificada pela leve deterioração das células cerebrais sensíveis mesmo por um período curto de morte. A princípio, ele esperava encontrar um reagente que restaurasse a vitalidade antes do advento real da morte, e só depois de repetidos fracassos com animais convenceu-se de que os movimentos de vida naturais e artificiais eram incompatíveis. Então buscou a pureza extrema em seus espécimes, injetando suas soluções no sangue logo após a extinção da vida. Foi essa circunstância que deixou os professores desleixadamente céticos, pois achavam que a morte real não tinha ocorrido nesses casos. Não pararam para examinar a questão de perto e com bom senso.

Não muito depois de ter o trabalho interdito pelos professores, West compartilhou comigo sua resolução de obter novos corpos humanos, de uma maneira ou de outra, e continuar com os experimentos em segredo, já que não podia mais realizá-los abertamente. Era um tanto assustador ouvi-lo descrever jeitos e meios, pois na faculdade nunca havíamos nós mesmos providenciado espécimes anatômicos. Sempre que o necrotério se mostrava insuficiente, dois negros locais cuidavam da questão, e raramente eram questionados. West era, na época, um jovem pequeno, magro, de traços delicados, cabelo loiro, olhos azuis pálidos atrás de um par de óculos e com a voz suave; era, portanto, grotesco ouvi-lo discursar sobre os relativos méritos do cemitério de Christchurch e do campo do oleiro. Optamos, enfim, pelo campo do oleiro porque todos em Christchurch eram embalsamados, fato que, sem dúvida, arruinaria as pesquisas de West.

Na época, eu era seu assistente ativo e entusiasmado, e o ajudava a tomar todas as decisões não apenas sobre a fonte dos corpos, mas também de um lugar apropriado para nosso horrendo trabalho. Pensei e sugeri a fazenda Chapman, abandonada, para além de Meadow Hill, onde montamos no piso térreo uma sala de cirurgia e um laboratório, ambos com cortinas escuras para ocultar nossas ações à meia-noite. O local ficava longe de qualquer estrada, sem uma única casa por perto; mesmo assim, as precauções eram necessárias, pois rumores de luzes estranhas avistadas por passantes noturnos transformariam nossos esforços em desastre. Concordamos em chamar nosso complexo de laboratório químico caso fôssemos descobertos. Gradativamente, equipamos nosso sinistro esconderijo de ciência com materiais comprados em Boston ou cuidadosamente emprestados da faculdade, materiais estes devidamente tornados irreconhecíveis, exceto para olhos de especialistas, e providenciamos pás e picaretas para os diversos enterros que seríamos obrigados a fazer no porão. Na faculdade usávamos um incinerador, mas o aparelho era muito dispendioso para nosso laboratório não autorizado. Os corpos eram sempre um aborrecimento, mesmo os dos pequenos porquinhos-da-índia utilizados nos experimentos clandestinos no quarto de West na pensão.

Líamos os obituários locais com a avidez de vampiros, pois nossos espécimes exigiam qualidades particulares. O que desejávamos eram corpos sepultados logo após a morte e sem preservação artificial; preferencialmente sem doenças de má-formação e, claro, com todos os órgãos ainda presentes. Vítimas de acidentes eram nossa melhor esperança. Durante várias semanas nada detectamos de adequado, por mais que conversássemos com autoridades do necrotério e do hospital, quando afirmávamos incisivamente que era pelo interesse da faculdade, sem despertar suspeitas. Descobrimos que a faculdade

tinha o privilégio da primeira escolha em todos os casos, de modo que talvez tivéssemos de ficar em Arkham durante o verão, quando havia um número limitado de aulas. No fim, porém, a sorte nos sorriu, pois soubemos um dia de um caso quase ideal no campo do oleiro; um trabalhador jovem e musculoso se afogara na manhã anterior na Lagoa do Verão, sendo sepultado à custa da cidade sem demora ou embalsamamento. Naquela tarde encontramos a sepultura nova e decidimos começar o trabalho logo depois da meia-noite.

Era repulsiva nossa tarefa executada àquela hora, muito tarde da noite, embora na época ainda não sofrêssemos do horror peculiar a cemitérios que as experiências posteriores acabariam nos provocando. Levamos pás e lampiões a gás, pois, embora já existissem as lanternas elétricas, não eram tão satisfatórias como as atuais, de tungstênio.

O processo de desenterrar era lento e sórdido; poderia ter sido tetricamente poético se fôssemos artistas em vez de cientistas. Alegramo-nos, enfim, quando as pás tocaram a madeira. Quando o ataúde de pinho ficou totalmente à descoberta, West desceu à cova e removeu a tampa, arrastando para fora e colocando o conteúdo em pé. Baixei os braços e puxei o cadáver para fora da cova. Em seguida, trabalhamos duro até restaurar ao local a aparência anterior. A empreitada nos deixou nervosos, principalmente por causa da forma rígida e do rosto sem vida de nosso primeiro troféu; mas conseguimos apagar todos os traços de nossa visita. Após batermos com as pás o último pedaço de terra, pusemos o espécime em um saco de lona e retornamos à velha fazenda Chapman, além de Meadow Hill.

Sobre uma mesa de dissecação improvisada na velha fazenda, à luz de uma lâmpada de acetileno, o espécime já não parecia mais tão espectral. Fora um jovem forte e aparentemente simplório, do tipo plebeu: grande, bem proporcionado, olhos cinzentos e cabelos castanhos. Um

animal sadio sem sutilezas psicológicas, provavelmente com processos vitais do tipo mais simples e saudável. Naquele momento, com os olhos fechados, parecia mais adormecido do que morto, embora o teste especializado de meu amigo não deixasse nenhuma dúvida quanto ao estado do jovem.

Finalmente, tínhamos o que West há muito desejava: um morto de verdade do tipo ideal, pronto para a solução preparada de acordo com as teorias e os cálculos mais precisos para uso humano. Nossa tensão era muito grande. Sabíamos que as chances de um sucesso completo eram mínimas, e não podíamos evitar um medo incômodo de possíveis resultados grotescos de animação parcial. A apreensão maior era em torno da mente e dos impulsos da criatura, uma vez que, no espaço logo após a morte, algumas das células cerebrais mais delicadas poderiam ter sofrido deterioração. De minha parte, ainda guardava algumas noções curiosas a respeito da “alma” do homem e me fascinava ante os possíveis segredos revelados por alguém que voltasse dos mortos. Perguntava-me que cenas aquele rapaz tranquilo teria visto nas esferas inacessíveis, e o que nos contaria se recuperasse a vida. Esse fascínio, porém, não me dominava por muito tempo, pois compartilhava do materialismo de meu amigo. Portou-se com mais calma do que eu ao injetar uma quantidade grande do fluido em uma veia do braço do cadáver, para logo em seguida fechar a incisão com segurança.

Esperar era aterrador, mas West nunca titubeava. De vez em quando punha o estetoscópio sobre o peito do espécime, e aceitava de um modo filosófico os resultados negativos. Após cerca de três quartos de hora sem o menor sinal de vida, ele pronunciou, decepcionado, a ineficiência da solução, embora estivesse determinado a aproveitar ao máximo a oportunidade e tentar uma mudança na fórmula antes de

descartar aquela horrível aquisição. Antes, à tarde, havíamos cavado uma cova no porão e teríamos de enchê-la antes do amanhecer, pois apesar de termos posto uma tranca na casa não queríamos correr o menor risco de uma descoberta assustadora. Além disso, o corpo não estaria exatamente fresco na noite seguinte. Assim, levamos a única lâmpada de acetileno conosco para o laboratório adjacente e deixamos nosso hóspede silencioso sobre a laje no escuro, dedicando toda a nossa energia à mistura de uma nova solução, cuja medida e peso eram supervisionadas por West com um cuidado quase fanático.

O evento terrível foi muito repentino, e absolutamente inesperado. Enquanto eu despejava algo de um tubo de ensaio em outro, e West se ocupava com o fogareiro a álcool que substituía um bico de Bunsen naquela casa sem gás, da sala totalmente escura de onde saíramos irrompeu a mais apavorante e demoníaca sucessão de gritos que já tínhamos ouvido na vida. Nem o caos de um som do inferno, aberto para liberar os condenados, poderia ser mais medonho, pois em uma cacofonia inconcebível se concentrava todo o terror supremo e o desespero anormal da matéria viva. Não podia ser um som humano, pois um homem jamais emitiria aquele ruído; e, sem pensarmos em nossos afazeres ou suas possíveis descobertas, West e eu corremos até a janela mais próxima como animais assustados, derrubando tubos, lâmpada e retortas, e saltamos loucamente para o abismo estrelado da noite no campo. Penso que gritamos e tropeçamos freneticamente até chegarmos à cidade, embora, ao atravessarmos seus limites, tivéssemos uma aparência controlada, suficiente ao menos para passarmos por boêmios cambaleando de volta para casa após uma noite de esbórnica.

Não nos separamos, mas conseguimos chegar ao quarto de West, onde conversamos em voz baixa até o raiar do dia. Já estávamos mais calmos, com teorias racionais e planos de investigação, de modo que

pudemos dormir durante o dia, desconsiderando as aulas. À noite, porém, duas notícias no jornal, sem a menor correlação, nos impossibilitaram de dormir. A velha casa da fazenda Chapman sofrera um incêndio inexplicável até se converter em uma pilha amorfa de cinzas; a explicação, achávamos, seria o lampião derrubado. A outra notícia era sobre uma tentativa de violação de uma tumba nova no campo do oleiro, como que por mãos cavando a terra sem pá. Isso não podíamos compreender, pois tínhamos sido muito cautelosos ao recobrir a cova.

E West passou dezessete anos depois desse episódio olhando por cima dos ombros, queixando-se de passos imaginários às suas costas. Agora ele desapareceu.

PARTE 2

O DEMÔNIO DA PESTE

Jamais me esquecerei daquele horrível verão dezessete anos atrás, quando, assim como uma nefasta entidade demoníaca do palácio de Eblis, o tifo se esgueirava por Arkham. A maioria das pessoas se lembra daquele ano pelo flagelo satânico, pois um verdadeiro terror pairava como asas de morcego sobre as pilhas de caixões nas tumbas do cemitério de Christchurch; para mim, contudo, há um horror maior daqueles tempos: um horror que só eu conheço desde que Herbert West se foi.

West e eu tínhamos aulas de pós-graduação durante o verão na Escola de Medicina da Universidade Miskatonic, e meu amigo ficara notório por suas experiências com a reanimação dos mortos. Após o sacrifício científico de incontáveis animais, seu trabalho assustador

fora ostensivamente proibido por nosso cético diretor, o doutor Allan Halsey, embora West continuasse realizando alguns testes secretos em seu quarto imundo de pensão, e em uma ocasião terrível e inesquecível tivesse tirado um corpo humano de sua cova no campo do oleiro e o levado a uma fazenda abandonada, para além de Meadow Hill.

Estive com ele na odiosa circunstância e o vi injetar nas veias duras o elixir que, julgava West, restauraria até certo ponto os processos químicos e físicos. A experiência terminou de um modo apavorante: um delírio de medo que acabamos atribuindo a nossos nervos sobrecarregados; e desde aquela noite West não conseguia mais se livrar de uma sensação enlouquecedora de ser perseguido e assombrado. O cadáver não estava suficiente fresco; claro que, para os atributos mentais normais serem restaurados, o corpo ainda deve estar fresco. E o incêndio na casa nos impediu de enterrar a coisa. Teria sido melhor se soubéssemos que estava debaixo da terra.

Depois dessa experiência, West abandonou as pesquisas por algum tempo; porém, quando o zelo do cientista nato voltou, mais uma vez meu amigo se tornou o importuno perante o corpo docente da faculdade, solicitando o uso da sala de dissecação e de espécimes humanos ainda novos para um trabalho que ele considerava demasiadamente importante. Mas seus pedidos foram em vão, pois a decisão do doutor Halsey era inflexível e todos os outros professores endossavam o veredito de seu líder. Na teoria radical da reanimação, viam nada além dos delírios imaturos de um jovem entusiasta cujos traços delicados, cabelos loiros, olhos azuis por trás dos óculos e voz suave não revelavam o menor indício do poder supranormal (quase diabólico) de seu frio cérebro. Posso vê-lo agora como era na época; e estremeço. Tornou-se mais sério de semblante, mas nunca envelheceu. E hoje o Asilo Sefton sofreu um infortúnio e West desapareceu.

Meu amigo se desentendeu profundamente com o doutor Halsey quase no fim do nosso último semestre de graduação, em uma disputa verborrágica que lhe deu menos crédito que ao bondoso diretor em termos de cortesia. West sentia que sua obra supremamente grandiosa sofria atrasos desnecessários e irracionais; e tal obra, claro, poderia ser conduzida a seu bel-prazer em anos posteriores, mas ele desejava iniciar enquanto ainda possuía os recursos excepcionais da universidade. O fato de os catedráticos presos à tradição ignorarem seus resultados singulares com animais e persistirem negando a possibilidade de reanimação era indescritivelmente lamentável e quase incompreensível para um jovem do temperamento lógico de West. Só a maturidade poderia ajudá-lo a entender as limitações mentais crônicas do tipo “professor-doutor”: o produto de gerações de um puritanismo patético; bondosos, conscienciosos e às vezes gentis e amigáveis, mas sempre estreitos, intolerantes e aferrados ao costume, pobres em perspectiva. A maturidade é mais caridosa com esses personagens de alma aspirante, ainda incompleta, como West, cujo pior defeito é a timidez, e que acabam punidos com o ostracismo geral por seus pecados intelectuais: pecados como o ptolomeísmo¹, calvinismo, antidarwinismo, antinietschismo e todo tipo de sabatarianismo e legislação suntuária. West, jovem apesar de seus magníficos feitos científicos, não tinha muita paciência com o bom doutor Halsey e seus colegas eruditos, e alimentava um ressentimento, somado ao desejo de provar suas teorias aos ilustres obtusos de uma maneira surpreendente e dramática. Como a maioria dos jovens, ele se perdia em devaneios de um plano de vingança, triunfo e do perdão final e magnânimo.

¹ Neologismo que faz referência a Cláudio Ptolemeu (século II d.C.), matemático, astrônomo e geógrafo grego, ou a suas obras e doutrinas. (N.R.)

E de repente chegara o flagelo, sórdido e letal, oriundo das cavernas escabrosas do Tártaro. West e eu nos formamos mais ou menos na época da deflagração, mas ficamos para um trabalho adicional no curso de verão; portanto, estávamos em Arkham quando o mal chegou à cidade com plena fúria demoníaca. Embora ainda sem licença para clinicar, já éramos médicos diplomados, e fomos impelidos para o serviço público quando o número de doentes aumentou. A situação quase saíra do controle, e as mortes ocorriam com tanta frequência que os agentes funerários locais mal davam conta. Os enterros eram feitos sem embalsamar, em rápida sucessão, e as próprias tumbas do cemitério de Christchurch estavam lotadas de ataúdes dos mortos sem embalsamamento. Essa circunstância não deixou de afetar West, que pensava muito na ironia da situação: tantos espécimes novos, mas nenhum para suas pesquisas! Vivíamos sobrecarregados de trabalho, e a pesada tensão mental e nervosa deixara meu amigo morbidamente temperamental.

Entretanto os gentis inimigos de West não se encontravam menos assolados de deveres exaustivos. A faculdade fora fechada e todos os médicos do curso de Medicina ajudavam a combater a peste tifoide. Particularmente o doutor Halsey destacara-se no sacrifício em servir, aplicando sua habilidade extrema, com toda a sua energia, a casos que muitos outros abandonavam por causa do perigo ou da evidente desesperança. Em menos de um mês o destemido diretor se tornara um herói popular, embora parecesse não notar a própria fama, lutando para não cair de fadiga física e colapso nervoso. West não escondia a admiração pela força de seu inimigo, e justamente por isso estava ainda mais determinado a provar-lhe a verdade de suas doutrinas extraordinárias. Aproveitando-se da desorganização da faculdade e também dos regulamentos de saúde municipais, conseguiu esgueirar-se na

sala de dissecação da universidade uma noite, e na minha presença injetou uma nova versão de sua solução. A coisa chegou a abrir os olhos, mas limitou-se a fitar o teto com uma expressão de horror petrificante até cair em uma inércia da qual nada a tiraria. West disse que o corpo não estava suficientemente fresco, o ar quente do verão não fazia bem aos cadáveres. Quase fomos pegos quando incinerávamos o corpo, e West achou desaconselhável repetir o uso inapropriado do laboratório da faculdade.

A epidemia alcançou o pico em agosto. West e eu quase morremos, e o doutor Halsey de fato morreu no dia 14. Todos os estudantes foram ao funeral no dia 15, levando uma coroa de flores impressionante, embora quase eclipsada pelos tributos enviados pelos ricos cidadãos de Arkham e pela própria prefeitura. A ocasião foi quase um evento público, pois o diretor fora realmente um benfeitor. Depois do sepultamento, todos ficamos um tanto deprimidos e passamos a tarde no bar da Casa Comercial, onde West, apesar de abalado com a morte de seu principal oponente, animou todos com referências às suas teorias notórias. A maioria dos estudantes voltou para casa ou se entregou a seus diversos deveres no cair do dia; West, porém, convenceu-me a “aproveitar a noite”. A senhoria de meu amigo nos viu chegar ao quarto por volta das duas horas da manhã, acompanhados de outro homem, e disse ao marido que evidentemente havíamos jantado e bebido muito bem.

Parecia que a perspicaz matrona estava certa, pois por volta das três horas toda a casa foi despertada por gritos vindos do quarto de West. Arrombaram a porta e nos encontraram inconscientes no carpete manchado de sangue, surrados, arranhados e machucados, com pedaços dos frascos de West e seus instrumentos à nossa volta. Apenas uma janela aberta indicava por onde saíra nosso atacante, e muitos se perguntavam como este conseguira fugir após um incrível

salto do segundo andar para o gramado. Havia no quarto algumas vestes estranhas, mas ao recobrar a consciência West explicou que não pertenciam ao estranho e eram espécimes coletadas para análise biológica no decorrer de investigações sobre a transmissão de doenças por germes. Mandou queimá-las assim que possível na vasta lareira. À polícia, declaramos desconhecer a identidade de nosso companheiro noturno. Nervoso, meu amigo explicou que o homem era um estranho simpático que conhecemos em um bar qualquer da cidade. Demo-nos bem, os três; e West e eu não queríamos que nosso companheiro briguento fosse perseguido.

Naquela mesma noite teve início o segundo horror de Arkham, que, para mim, eclipsou a própria peste. O cemitério de Christchurch foi palco de uma morte horrível; um vigia fora trucidado de uma forma abominável demais para descrições, mas levantando dúvida quanto à origem humana do que o atacara. A vítima fora vista com vida pouco depois da meia-noite; a madrugada revelou o incidente inexpressível. O gerente de um circo na cidade vizinha de Bolton foi questionado, mas jurou que nenhum de seus animais escapara da jaula. Os que encontraram o corpo notaram um rastro de sangue que conduzia a uma tumba aberta, onde uma pequena poça vermelha podia ser vista no concreto, bem do lado de fora do portão. Outro rastro, mais claro, parecia se distanciar do bosque até sumir.

Na noite seguinte, demônios dançaram nos telhados de Arkham, e uma loucura antinatural uivou com o vento. Pela cidade febril se alastrara uma maldição que, segundo alguns, era maior que a doença, enquanto outros chegavam a afirmar que seria a encarnação da alma do próprio demônio da peste. Oito casas foram arrombadas por alguma coisa inominável que espalhou a morte vermelha em seu rastro; ao todo, dezessete corpos mutilados, disformes, foram deixados pelo monstro sem voz, sádico, que se esgueirava pela região. Alguns

que o tinham avistado no escuro o descreveram como algo branco, um possível símio malformado ou um monstrengo antropomórfico. Não deixava para trás tudo o que atacava, pois em alguns momentos devia estar faminto. O número dos mortos era, na verdade, catorze; os outros três estavam em casas atingidas pela peste e já mortos.

Na terceira noite, grupos de busca conduzidos pela polícia o capturaram em uma casa na Rua Crane, perto do campus da universidade. A caçada ao assassino fora organizada com cautela, mantendo o contato através de postos telefônicos voluntários, e quando uma pessoa no distrito da faculdade relatou algo arranhando uma janela fechada, jogaram logo a rede. Graças ao alerta geral e às precauções, só houve mais duas vítimas e a captura foi efetuada sem mais mortes. A criatura foi detida por uma bala, embora não letal, e levada imediatamente ao hospital da região, em meio à correria e à repugnância.

Aquilo tinha sido um homem. Isso logo ficou claro, apesar dos olhos nauseantes, dos urros simiescos e da selvageria demoníaca. Trataram-lhe a ferida e o transportaram ao asilo em Sefton, onde bateu a cabeça contra as paredes de uma cela acolchoada durante dezesseis anos, até o recente infortúnio, quando a criatura escapou sob circunstâncias que poucos gostam de mencionar. O que mais horrorizou os perseguidores de Arkham fora o fato de que, após limparem o rosto do monstro, notaram uma semelhança debochada, inacreditável, com um mártir estudioso e altruísta, o falecido doutor Allan Halsey, benfeitor público e diretor da escola de Medicina da Universidade Miskatonic.

Para o desaparecido Herbert West e para mim, a repulsa e o horror foram supremos. Tremeo ainda à noite só de pensar naquilo. Estremeço mais do que naquela manhã quando West resmungou, debaixo de bandagens:

– Diabo, não estava fresco o suficiente.

PARTE 3

SEIS TIROS AO LUAR

É incomum disparar os seis tiros de um revólver de maneira súbita, quando um provavelmente bastaria; mas muitas coisas na vida de Herbert West são incomuns. Nem sempre, por exemplo, um jovem médico recém-formado precisa ocultar os princípios que norteiam sua escolha de casa e consultório; mas era exatamente esse o caso de Herbert West. Quando ele e eu recebemos nossas certificações pela Escola de Medicina da Universidade Miskatonic e tentamos nos estabelecer como clínicos gerais, empenhamo-nos ao máximo para não revelar que a escolha de nossa casa se baseara em seu relativo isolamento e, ao mesmo tempo, a proximidade do campo do oleiro.

Essa espécie de reticência quase nunca é sem uma causa; tampouco foi a nossa, pois nossas necessidades resultavam de um trabalho de toda a vida, embora claramente impopular. Externamente, éramos médicos, mas sob a superfície escondiam-se objetivos de um momento muito mais grandioso e terrível. Sim, pois o cerne da existência de Herbert West era explorar os domínios obscuros e proibidos do desconhecido, nos quais ele esperava descobrir o segredo da vida e restaurar à animação perpétua a argila fria do cemitério. Essa busca exige materiais estranhos, entre os quais cadáveres humanos recentes, ou seja, frescos; e, para garantir o suprimento desses objetos indispensáveis, tínhamos de viver de modo discreto e perto de um local de sepultamentos informais.

West e eu nos havíamos conhecido na faculdade, e eu sempre fui o único a simpatizar com seus experimentos hediondos. Gradualmente

tornei-me seu assistente inseparável, e quando terminamos o curso só podíamos continuar juntos. Não foi fácil encontrar trabalho para dois médicos juntos, mas, por fim, a influência da universidade nos assegurou um consultório em Bolton, cidade fabril perto de Arkham, a sede do colégio. O complexo das Usinas Bolton Worsted é o maior no Vale Miskatonic, e seus funcionários políglotas nunca são pacientes muito populares com os médicos locais. Escolhemos nossa casa com o maior cuidado, optando, enfim, por um chalé um tanto velho quase no fim da Rua Pond, cinco dias antes de entrar fevereiro, e separado do campo do oleiro apenas por um trecho curto de pastagem, bifurcado por uma trilha estreita da densa floresta ao norte. A distância era um pouco maior do que desejávamos, mas não conseguiríamos uma casa mais próxima sem passar pelo outro lado do campo, totalmente fora do distrito fabril. Porém a localização não nos desagradara tanto, pois não havia ninguém entre nós e nossa fonte sinistra de suprimentos. A caminhada era um pouco longa, mas podíamos içar nossos espécimes silenciosos sem qualquer perturbação.

Nosso consultório era surpreendentemente maior que o primeiro, o suficiente para agradar a maioria dos jovens médicos e para enfastiar e se revelar um incômodo para estudantes cujo real interesse era outro. Os trabalhadores da usina tinham inclinações um tanto turbulentas; e além de suas várias necessidades naturais, as frequentes brigas e disputas à faca nos davam muito trabalho. Mas o que de fato absorvia nossos pensamentos era o laboratório secreto que montamos no porão: um laboratório com uma mesa grande sob luzes elétricas, onde, de madrugada, costumávamos injetar as soluções de West nas veias de coisas que arrastávamos para fora do campo do oleiro. West fazia experiências incessantes a fim de encontrar algo que despertasse os movimentos vitais de um homem, interrompidos pelo que chamamos

de morte, mas se deparava com os mais terríveis obstáculos. A solução tinha de ser composta de modo diverso para tipos diferentes: o que servia para porquinhos-da-índia não servia para humanos, e espécimes humanos diferentes exigiam grandes modificações.

Os corpos precisavam ser imprescindivelmente frescos, ou a menor decomposição do tecido cerebral tornaria impossível a reanimação perfeita. Na verdade, o maior problema era obtê-los tão cedo. West conseguiu resultados horrendos em suas pesquisas secretas ainda na universidade com cadáveres de qualidade duvidosa. O resultado de uma animação parcial ou imperfeita era muito mais medonho que o fracasso total, e nós dois tínhamos lembranças apavorantes de tais coisas. Desde nossa primeira sessão tétrica na fazenda abandonada em Meadow Hill, Arkham, sentíamos uma ameaça no ar; e West, o autômato científico tranquilo, loiro e de olhos azuis, admitia ter calafrios, imaginando-se perseguido. Sentia que era seguido, um devaneio psicológico dos nervos abalados, agravado pelo fato inquestionavelmente perturbador de que ao menos um de nossos espécimes reanimados ainda vivia: uma criatura aterradora e carnívora em uma cela acolchoada em Sefton. Sem falarmos de outra, nossa primeira, cujo destino exato nunca descobrimos.

Até que tivemos sorte com nossos espécimes em Bolton, muito mais do que em Arkham. Não fazia uma semana que estávamos instalados quando recebemos uma vítima de acidente na própria noite do enterro, e conseguimos abrir-lhe os olhos com uma expressão incrivelmente racional, ante a solução falhar. Perdera um braço: se o corpo estivesse perfeito, talvez o experimento desse certo. Entre esse período e o próximo mês de janeiro, obtivemos mais três; um fracasso total, um caso de acentuado movimento muscular, e um episódio um tanto assustador: o cadáver se levantou sozinho e emitiu

um som. Entramos, então, em um período de má sorte; os enterros diminuíram e os poucos ocorridos eram de espécimes muito doentes ou muito debilitados para uso. Acompanhávamos todas as mortes e suas circunstâncias com um zelo sistemático.

Em uma noite de março, porém, conseguimos inesperadamente um espécime não oriundo do campo do oleiro. Em Bolton, o prevaiente espírito do puritanismo decretara ilegal a prática do boxe como esporte, com o resultado costumeiro. Lutas clandestinas e mal administradas entre os usineiros eram comuns, e às vezes importava-se talento profissional de baixo nível. Naquela noite de fim de inverno ocorrera uma luta, evidentemente com resultados desastrosos, pois dois poloneses assustados nos procuraram, com súplicas incoerentes, implorando-nos que cuidássemos de um caso muito secreto e desesperador. Fomos com eles a um celeiro abandonado, onde os remanescentes de uma pequena multidão de estrangeiros assustados observavam uma forma negra no chão.

A luta fora entre Kid O'Brien, um jovem desajeitado e trêmulo, com um nariz adunco nada irlandês, e Buck Robinson, "A fumaça do Harlem". O negro fora nocauteado e um exame imediato nos indicava que ficaria naquela condição permanentemente. Era um ser grotesco, com aspecto de gorila, braços anormalmente longos que a mim pareciam pernas dianteiras, e um rosto que evocava pensamentos de inomináveis segredos do Congo e o rufar de tambores sob uma lua fantasmagórica. O corpo devia ter uma aparência ainda pior em vida, mas, de qualquer forma, há muitas coisas feias no mundo. O grupo inteiro de espectadores infelizes parecia dominado pelo medo, pois ninguém sabia como a lei os trataria se a confusão não fosse abafada; e todos ficaram gratos quando West, apesar de meus tremores involuntários, se ofereceu para se livrar do corpo discretamente, com um propósito que eu conhecia muito bem.

O luar brilhava sobre a paisagem sem neve, mas vestimos o cadáver e o levamos para casa pelas ruas desertas e os pastos, como já havíamos feito com algo semelhante em uma noite horrível em Arkham. Chegamos à casa por trás, vindo do campo, entramos com o espécime pela porta dos fundos e descemos a escada até o porão, preparando-o para o costumeiro experimento. Nosso medo da polícia era enorme e absurdo, embora tivéssemos programado o percurso para evitar o patrulheiro solitário daquele setor.

O resultado foi enfadonhamente decepcionante. Por mais horripilante que nossa aquisição parecesse, não teve a menor reação a todas as soluções injetadas em seu braço negro; soluções preparadas a partir da experiência apenas com espécimes brancos. A hora foi passando e o perigo da madrugada chegava; por isso, fizemos o mesmo que com tantos outros: arrastamos a coisa pelos pastos até a bifurcação da floresta, perto do campo do oleiro, e o enterramos lá, na melhor cova improvisada que o solo congelado pudesse oferecer. Não era uma cova muito funda, mas tão boa quanto a do espécime anterior, aquela coisa que se levantou e emitiu um som. Sob a luz de nossos lampiões, cobrimo-la cuidadosamente com folhas e cipós secos, quase seguros de que a polícia nunca encontraria o corpo em uma floresta tão escura e densa.

No dia seguinte, sentia-me cada vez mais temeroso da polícia, pois um paciente chegara com rumores da suspeita de uma luta seguida de morte. West tinha outra fonte de preocupação, pois foi chamado à tarde para um caso que terminou de forma muito ameaçadora. Uma mulher italiana ficara histérica após o desaparecimento de seu filho, um garoto de 5 anos que saíra bem cedo pela manhã e não tinha voltado até a hora do jantar. A mulher apresentava sintomas alarmantes, já que sempre sofrera de problemas cardíacos. Era uma histeria

bastante tola, pois o menino já sumira em outras ocasiões; mas os camponeses italianos são demasiadamente supersticiosos e aquela mulher parecia tão aturdida por augúrios quanto por fatos. Por volta das sete da noite, já havia morrido; e seu marido desatinado fizera um escândalo na tentativa de matar West, que ele culpava insanamente por não salvar a vida da esposa. Os amigos o seguravam, enquanto ele portava um estilete, mas West saiu sob uma onda de berros inumanos, xingamentos e promessas de vingança. Em sua suprema aflição, o sujeito parecia ter-se esquecido do filho, ainda desaparecido enquanto a noite avançava. Teve início, então, uma conversa sobre procurá-lo na mata, mas a maioria dos amigos da família se ocupara da falecida e de seu marido escandaloso. A tensão nervosa de West após todo o episódio deve ter sido tremenda. Pensar na polícia e também no italiano louco era demais.

Fomos embora por volta das onze horas, mas não dormi bem. A força policial de Bolton era surpreendentemente boa para uma cidade pequena, e não pude deixar de temer a encrenca se o problema da noite anterior fosse detectado. Poderia significar o fim de todo o nosso trabalho local e talvez acabássemos na prisão. Não me agradavam os rumores em torno da luta. Quando o relógio anunciou três horas, a lua brilhava sobre meus olhos, mas limitei-me a virar de lado, sem sair da cama para puxar a cortina. Logo em seguida ouvimos aquela sacudida insistente na porta dos fundos.

Permaneci em silêncio, um tanto aturdido, mas logo ouvi West bater à minha porta. Estava de pijama e chinelos, e carregava um revólver e uma lanterna elétrica. A julgar pela arma, entendi que devia estar mais preocupado com o italiano louco do que com a polícia.

– É melhor vermos o que é – ele cochichou. – Não seria conveniente ignorar, e talvez seja um paciente. Seria próprio desses idiotas tentar a porta dos fundos.

Descemos na ponta dos pés, com um temor em parte justificado e em parte oriundo da alma naquelas horas tardias. O chacoalhar na porta persistia, um pouco mais alto. Quando chegamos, puxei o ferrolho cautelosamente e a abri, e sob a luz do luar contornando a forma à nossa frente West teve uma atitude peculiar. Apesar do perigo óbvio de chamar a atenção e atrair a polícia para nos investigar (o que, afinal de contas, nosso isolamento ajudava a evitar), meu amigo, de forma súbita, agitada e desnecessária, esvaziou o revólver no visitante noturno.

Pois o visitante não era o italiano nem um policial. A sombra hedionda recortada contra a lua era um gigantesco ser disforme que só poderia existir em pesadelos; uma aparição negra como tinta, com olhos vidrados, quase de quatro, coberta de musgo, folhas e cipós, malcheirosa com sangue pisado, e segurando entre os dentes brilhantes um objeto cilíndrico, terrível, branco como a neve, terminando em uma minúscula mão.

PARTE 4

O GRITO DO MORTO

O grito de um homem morto causou-me aquele horror agudo e adicional semelhante ao que sentia o doutor Herbert West, horror este assombrou os anos vindouros de nossa amizade. É natural que algo como o urro de um morto desencadeie tamanho terror, pois obviamente não é uma ocorrência comum nem agradável; entretanto acostumara-me a experiências daquele tipo, e sofri naquela ocasião